

## A família como protagonista: desafios atuais

*The family as a protagonist: nowadays challenges*  
*La familia como protagonista principal: desafios actuales*

Débora Staub Cano  
Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré  
*Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC*

---

### RESENHA SOBRE O LIVRO:

*Família e... Comunicação, Divórcio, Mudança, Resiliência, Deficiência, Lei, Bioética, Doença, Religião e Drogadição.*

Ceneide Maria de Oliveira Cerveny

Casa do Psicólogo

São Paulo, 2004

---

A família, compreendida como uma estrutura de suporte social e historicamente fundamental para o desenvolvimento do ser humano, está, a todo tempo, sendo desafiada na sua organização, configuração e dinâmica. Isto reflete diretamente no seu campo de pesquisas, por ela atuar como protagonista. As relações, por exemplo, entre família e lei, família e doação de órgãos, família e redes sociais, são algumas das interfaces que instigam tanto os teóricos como os profissionais que trabalham com o núcleo familiar. Advém daí um necessário processo de reflexão e contextualização, da família, principalmente à luz da realidade brasileira.

Neste raciocínio, a Profª. Dra. Ceneide M. de Oliveira Cerveny organizou em sua obra (*Família e... Comunicação, Divórcio, Mudança, Resiliência, Deficiência, Lei, Bioética, Doença, Religião e Drogadição*) um conjunto de capítulos em que a diversidade de temas pode ser contemplada. Assim, com a contribuição de vários autores, de experiências distintas e relevantes na área, o segundo livro da coleção “Família e...” traz para discussão assuntos que a permeiam no atual acontecer histórico.

Ancorados na Abordagem Sistêmica, que compreende a família como uma rede de relações, em que aquilo que acontece a um membro repercute em toda a estrutura familiar, ou seja, estabelece uma relação de recursividade, sendo o membro familiar tanto influenciado como fator de influência do sistema. Não po-

demos deixar de salientar que, sob esta ótica, são propostas reflexões de como a família está inter-relacionada com as mais diversas questões que a circundam. A obra marca uma diferença no âmbito nacional, uma vez que as reflexões teóricas são produzidas por estudiosos e pesquisadores brasileiros, até porque, muitas vezes, as referências utilizadas na terapia familiar partem de outras realidades culturais e sociais. Composta de dez capítulos e cerca de duzentas páginas, caracteriza-se por poder ser consultada capítulo a capítulo, de modo que o leitor percorra suas diversas temáticas.

Realizando uma análise mais acurada, encontra-se no capítulo 1, de autoria da própria organizadora *Ceneide Cerveny*, o tema *Comunicação*, em que são trazidos alguns modelos e teorias sobre o assunto; são também discutidos exemplos práticos de como a comunicação se estabelece na família, fatores que dificultam este processo, podendo causar distorções e ruídos entre o emissor e o receptor, e ainda aspectos a serem considerados para que esta seja facilitada. Salienta-se que a comunicação permeia todas as relações familiares e está diretamente relacionada com a prática da terapia familiar, caracterizando-se por ser muito mais do que apenas emitir uma mensagem, podendo ser considerada um processo de interação e influência entre as pessoas.

O segundo capítulo, de autoria de *Eliana R. Nazareth*, traz o tema *Divórcio*, depreendendo-se que a separação não acaba com a família, mas a transfor-

ma. Deste modo, são descritas algumas modificações daí decorrentes, uma vez que a conjugalidade foi rompida. Em seguida, a autora propõe e descreve as fases pelas quais passam o casal e as famílias que enfrentam o processo de separação, que vão desde a insatisfação com o relacionamento até a etapa do ajustamento.

Em *Família e Mudança*, a autora *Rosa Maria P. da Silva Vicente* apresenta alguns momentos transicionais que desestabilizam o sistema familiar, exigindo transformações e mudanças. Estes, muitas vezes, motivam consulta aos terapeutas de família, desde o nascimento de um filho, migrações, recasamento, até o aparecimento de doenças graves ou morte de um membro. Evidencia-se a necessidade de trabalhar com os recursos da própria família e de seus indivíduos, a fim de que consigam lidar com as dores e dificuldades dessas transições.

A Resiliência é o tema apresentado no quarto capítulo, em que, partindo de uma conceituação teórica, a autora *Marilza T. Soares de Souza* percorre aspectos históricos, que enfatizam a evolução do conceito, desde a sua concepção individual, passando pelo estudo das influências contextuais do termo. Logo, o que pode ser fator de proteção num determinado contexto, poderá configurar fator de risco em outro meio, até atingir o conceito de resiliência familiar. Propõe-se que a mesma diz respeito aos fatores de enfrentamento, capacidade de transformação e flexibilidade da família frente às crises e as mudanças decorrentes do ciclo vital. Em suma, a resiliência é um sistema em si mesmo, marcado pela interação de vários aspectos, social, histórico, e que passa pela interpretação do contexto e da rede familiar. Diante deste quadro, apresenta-se um mapa para compreender os processos que fortalecem as habilidades da família para solucionar problemas, que envolvem os padrões de organização, comunicação e o sistema de crenças familiares. Desenvolve-se, então, uma reflexão sobre a intersecção da cultura no desenvolvimento da resiliência individual e familiar.

Outro tema pertinente, e que tende a amplificar as dificuldades inerentes do desenvolvimento do ciclo vital familiar, é a Deficiência. Neste aspecto, a autora *Ângela Fortes de Almeida Prado* aponta, no capítulo 5, a necessidade de adaptação familiar, uma vez que a família tem que lidar com uma realidade não assimilada anteriormente. Apresentam-se elementos que podem facilitar ou dificultar o enfrentamento dessa situação, e também são descritas as fases do processo de compreensão, adaptação, aceitação, onde são tecidas contribuições sobre o funcionamento das famílias com portadores de deficiência e as etapas do ciclo vital.

*Família e Lei* é o título do capítulo 6, que, a partir de dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), demonstra como o grupo familiar vem-se constituindo nos últimos anos. Assinala o crescimento de outros tipos de configurações e padrões familiares, diferentes do modelo patriarcal, apontando para novos modelos de relacionamento, em que a individualidade, tanto do homem quanto da mulher, ganham espaço. Fruto das transformações femininas, fala-se no surgimento de um outro homem, decorrente da desconstrução daquilo que era concebido como papel masculino.

A autora *Evani Zambon Marques da Silva*, expõe sua prática junto ao poder judiciário, na função de perita e mediadora, realizando uma contextualização de como as leis foram sendo modificadas, a fim de acompanharem esses ‘avanços’ e mudanças da sociedade. Por fim, debruça-se sobre a interdisciplinaridade entre psicologia e direito, destacando a importância da psicologia como dispositivo para facilitar o processo das famílias que transitam pelo judiciário.

O capítulo 7, *Família e Bioética*, de *J.G. Furlan Gomes*, contempla as famílias de pacientes com doenças crônicas, em especial a situação da doação de órgãos intervivos, em casos de insuficiência renal crônica, entre irmãos. Inicialmente, resgatam-se conceitos de ética e bioética. De acordo com as proposições teóricas, Ética se refere a um conjunto de atitudes e ações, construídas através do diálogo e de reflexões que buscam o equilíbrio e a justiça nas relações, salientando-se que a construção de um senso ético se alicerça na convivência familiar. Já Bioética remete a uma disciplina que estaria interessada numa proposição justa, no que concerne aos avanços científicos. O autor do capítulo defende que tanto a ética como a bioética se desenvolvem a partir da reflexão e do diálogo, e é deste modo que estes conceitos são trazidos para dentro da família com pacientes renais crônicos, pois se coloca a necessidade de conversação entre seus membros, a fim de tomarem decisões acerca da doação de órgãos. Sob essa ótica, a doença familiar crônica não se limita ao paciente, mas afeta toda a família, conforme ilustrado em alguns casos, descritos como exemplo. Percebe-se que situações como estas trazem para dentro da família discussões sobre a vida e a morte, ‘exigindo’ uma revisão de todas as relações parentais. A discussão é bastante oportuna, pois aponta a necessidade de contextualizações da família diante da doação de órgãos e das doenças crônicas, bem como a importância de resgatar valores éticos e outros que envolvem a vida.

No rastro desta ótica – doença na família, o capítulo 8, *Família e Doença*, de *Carmen R. Baladin Balieiro e Ceneide Cerveney*, apresenta o desenrolar histórico

da doença psíquica, de Hipócrates até a Reforma Psiquiátrica, e como a concepção de doença e de tratamento veio sendo modificada nas diferentes épocas. Enfatiza que, com o movimento da (des) hospitalização, a família é trazida para o contexto do tratamento. Neste sentido, a terapia familiar muito tem a contribuir, uma vez que compreende a doença como decorrente de um desequilíbrio de todo o sistema, sendo uma alternativa de atendimento frente aos modelos individualistas, que focalizam apenas o paciente identificado. O atendimento familiar, até mesmo a modalidade *home care*, é ressaltado como obtendo bons resultados em famílias que, muitas vezes, chegam ao atendimento apenas pelo membro 'doente', pois um olhar mais contextualizado permite que todo o grupo se descentralize da doença, não 'cronificando' suas relações.

A terapia familiar, na busca desta contextualização, se depara com a religião, que também é parte integrante das crenças e valores familiares. Neste viés, o penúltimo capítulo, Família e Religião, traz a contribuição da autora *Claudia Bruscagin*, que se debruça sobre conceitos de religiosidade e espiritualidade, que possuem relação direta com o funcionamento da família, uma vez que esta passa a compreender os eventos da vida de acordo com tal estrutura de crenças. Dessa maneira seu conhecimento pode auxiliar o trabalho do terapeuta familiar, pois atuam como recursos disponíveis para enfrentar mudanças e situações de crise.

Por fim, o décimo capítulo, de autoria de *Valéria Rocha Brasil*, aborda a questão da drogadição, com um panorama ao longo da história, e como esta influenciou o modo e a maneira das intervenções. Desenvolvem-se idéias sobre o impacto da drogadição na família, especialmente do alcoolismo, e a necessidade de se compreender este grupo sob a ótica sistêmica. A partir daí, poder-se-á evidenciar que papéis seus membros assumem, situações de co-dependência, papéis

que estão cristalizados, situações de repetições familiares e, ainda, de que modo o uso abusivo de drogas, seja o álcool ou outras, altera o desenvolvimento familiar no seu ciclo vital.

Conclui-se que os capítulos se interligam através de uma linha condutora, a família, tendo como base o primeiro deles. Analogicamente, pode-se inferir que essa obra seja a 'emissão' de diversas mensagens, possibilitando diferentes olhares, dos mais variados 'receptores'. Daí sua importância, tanto para profissionais da área, como a todos aqueles outros que, no seu cotidiano, lidam com a família nas suas diversas interfaces.

Ao final, cabe apontar que a análise do conjunto da obra deixa em evidência as diferenças entre os autores quanto ao aprofundamento e desenvolvimento das temáticas propostas nos vários temas. Considera-se que isso afeta sua homogeneidade qualitativa, em termos de análises das temáticas propostas. Entretanto, o conjunto de reflexões possíveis assume utilidade prática, pois pode introduzir o leitor às diferentes temáticas, para que, a partir destas, possa pensar intervenções e diálogos que venham a promover um cuidado mais amplo à família nas situações específicas com as quais se defronta no seu cotidiano. Isto poderá incentivar outros profissionais a pesquisarem e contribuir com seus conhecimentos, enriquecendo, assim, a terapia familiar no contexto brasileiro.

Recebido em: 11/01/2007. Aceito em: 30/04/2008.

**Autoras:**

Débora Staub Cano – Psicóloga. Mestre em Psicologia pela UFSC. Especialista em Saúde da Família pela UFSC.

Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré – Doutora. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC.

**Endereço para correspondência:**

DÉBORA STAUB CANO  
Rua Vinte Oito de Setembro, 47/401 – Centro  
CEP 96810-530, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil  
E-mail: deborascano@hotmail.com